

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO: DA INFÂNCIA ATÉ A ADOLESCÊNCIA

DEVELOPMENTAL PSYCHOLOGY: FROM CHILDHOOD TO ADOLESCENCE

Alyne Flávia Reis *

Daniela Soares Rodrigues **

RESUMO

O desenvolvimento humano diz respeito às transformações individuais que ocorrem no biopsicossocial e se estendem ao hormonal, principalmente em relação à transição da infância para a adolescência. Portanto, o objetivo deste trabalho é descrever e identificar aspectos do desenvolvimento humano, abordando o desenvolvimento infantil até a adolescência, compreender as principais teorias do desenvolvimento humano (Freud, Piaget e Vygotski) e relacionar os fatores de desenvolvimento e aprendizagem. Este estudo é uma revisão de literatura, conforme utilizado por Santos e Teixeira (2019) e Sampaio e Mancini (2007), que visa: a contextualização e análise do que há na literatura, apresentando um resumo dos dados disponíveis, a fim de sintetizar as informações. Serão utilizadas as seguintes bases de dados: SciELO e Google Acadêmico, buscando artigos sobre a atuação do psicólogo no desenvolvimento de crianças e adolescentes entre 2015-2021. A busca será feita utilizando os termos: desenvolvimento infantil, psicologia escolar, psicologia do desenvolvimento, adolescente. Além disso, será importante que os profissionais de psicologia compreendam as principais teorias do desenvolvimento humano, como as de Freud, Piaget e Vygotski. Contribuindo para a construção do conhecimento científico direcionado à psicologia infantil.

Palavras-chave: Adolescentes. Comportamento. Crianças. Desenvolvimento humano.

ABSTRACT

Human development concerns the individual transformations that occur in the biopsychosocial and extend to the hormonal, mainly in relation to the transition from childhood to adolescence. Therefore, the objective of this work is to describe and identify aspects of human development, addressing childhood development through adolescence, understanding the main theories of human development (Freud, Piaget and Vygotski) and relating development and learning factors. This study is a literature review, as used by Santos and Teixeira (2019) and Sampaio and Mancini (2007), which aims to: contextualize and analyze what is in the literature, presenting a summary of the available data, in order to synthesize the information. The following databases will be used: SciELO and Google Scholar, searching for articles on the role of psychologists in the development of children and adolescents between 2015-2021. The search will be made using the terms: child development, school psychology, developmental psychology, adolescent. In addition, it will be important for psychology professionals to understand the main theories of human development, such as those of Freud, Piaget and Vygotsky. Contributing to the construction of scientific knowledge directed to child psychology.

Keywords: Teens. Behavior. Children. Human development.

* Graduando em Psicologia pela Faculdade de Iporá, GO. E-mail: alyneflavia05@gmail.com

** Orientador, Graduado em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira- UNIVERSO, e Pós Graduado em Docência Universitária pela Faculdade de Iporá. E-mail: soaresdaniela675@gmail.com

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano se caracteriza nas mudanças que o ser humano passa desde o seu nascimento até o fim da sua vida. As transformações que ocorrem, é o resultado das diferentes fases que cada indivíduo passa que na sua totalidade é similar para todos. “São mudanças intensas, especialmente nos 20 primeiros anos de vida, que vão resultando em avanços no plano do pensamento, sentimento, comportamento etc.” (XAVIER e NUNES, 2015 p.09).

É importante ressaltar que o desenvolvimento humano é campo de pesquisa responsável por explicar o motivo das mudanças que ocorrem em cada indivíduo. Existem diversos questionamentos sobre o comportamento humano e o que leva cada ser ter ações diferentes de acordo com as etapas das suas vidas. De acordo com Papalia e Feldman (2013), na sua obra “desenvolvimento humano” o meio do desenvolvimento humano foca no estudo científico dos processos sistemáticos de mudança e estabilidade que ocorrem nas pessoas.

A realização dos estudos vem através de psicólogos, professores, especialistas em saúde mental, pedagogos e demais profissionais que visam a melhoria de vida dos seus pacientes, alunos e clientes, facilitando então a maneira de aplicar a abordagem de cada profissional.

A teoria de Sigmund Freud (1923), se destacou na concepção racionalista após declarar a maior parte das atividades da mente humana é de ordem inconsciente, profundamente impactada por fatores afetivos. Em 1923, a obra “O EGO e o ID” formalizou sua teoria de divisão para a mente, composta por id, ego e superego. Freud estabeleceu a sua clássica concepção do aparelho psíquico, conhecido como “modelo estrutural” ou “dinâmico”, tendo em vista que a palavra “estrutura” significa um conjunto de elementos que têm funções específicas, porém que interagem permanentemente e se influenciam reciprocamente. Essa concepção estruturalista ficou cristalizada em “O EGO e o ID”, de 1923, e consiste em uma divisão da mente em três instâncias psíquicas: o ID, o EGO e o superego² (LIMA, 2009 p.8).

O ID é uma estrutura da personalidade, um componente natural do indivíduo, ou seja, o ser humano nasce com ele. O ID está ligado a impulsividade, é levado através do prazer orgânico, vontades e pulsões primitivas. Carinhosamente

apelidado como uma criança mimada, pois não aceita frustrações e não se adapta em regras, valores e moralidades.

O EGO é uma característica racional da personalidade, carregando a responsabilidade de controlar as pulsões, mediando entre o ID e os desejos do mundo externo, representando a razão, ao contrário do ID, que não tem senso crítico, moral e nem ético. Por esta razão o ego consegue seguir regras, pois ele procura sempre um objeto apropriado para satisfazer a necessidade e reduzir a tensão. Superego é o que compõe a razão na mente humana, portanto ele corresponde os valores da sociedade. Superego é o componente moral da mente humana. Com isso, ele representa os valores da sociedade. Suprime qualquer impulso de violar regras e ideais por meio de punição ou culpa. O superego sempre está em conflito com id, pois ele pune pensamentos inapropriados ou inaceitáveis.

Observa-se a importância da matéria do desenvolvimento humano e os estudos científicos e teóricos que são usados como base para os dias atuais.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é descrever e identificar os aspectos do desenvolvimento humano em todas as suas fases, abordando o desenvolvimento infantil até adolescência, visando entender como são abordadas as principais teorias do desenvolvimento humano (Freud, Piaget e Vygotski) e relacionar os fatores do desenvolvimento humano e da aprendizagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E APRENDIZAGEM

Quando se trata do desenvolvimento humano é preciso compreender as transformações universais, que ocorrem no biopsicossocial e se estendem ao hormonal, principalmente em relação à transição da infância para a adolescência. Segundo Xavier e Nunes (2015), o ser humano possui diversas singularidades e por isso, as características individuais também serão consideradas, pois nenhum indivíduo, ainda que compartilhe o mesmo DNA não será igual ao outro.

Entende-se que cada pessoa passará pelas transformações de uma forma peculiar, vivenciando as transformações corporais conforme suas experiências forem materializadas. E é preciso levar em consideração aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais para uma melhor precisão nas pesquisas.

De acordo com Gerrig e Zimbardo (2005), nos primeiros 20 anos de vida, o indivíduo passa por consideráveis mudanças e essas se refletem no pensamento, sentimentos, bem como no comportamento, passando dos níveis básicos até os mais complexos.

Ressalta-se que o desenvolvimento mental é descrito enquanto construção dinâmica e contínua, podendo ser baseado a partir da ampliação das estruturas mentais. Isso não ocorre de uma hora para outra, pois tais aspectos são contínuos, sendo constituídos a partir do modo como as atividades mentais passam a ser organizadas até que o desenvolvimento esteja completo.

Bock, Furtado e Teixeira (2008) *apud* Piovesan et al. (2018, p.41) afirmaram que:

O estudo do desenvolvimento humano compreende conhecer as características comuns nas diferentes faixas etárias da vida humana. A compreensão destes aspectos para a educação se torna importante na medida em que o planejamento do ensino implica em conhecer quem é e como se desenvolve nosso aluno. Nesse sentido, a Psicologia do Desenvolvimento utiliza-se de métodos de observação e experimentação, dentre os quais dois métodos se destacam: o longitudinal e o transversal.

Exemplificando como os métodos de observação e experimentação, considerando o aspecto longitudinal e transversal de análise do desenvolvimento humano, Piovesan et al., (2018, p. 42) reforçam seus conceitos da seguinte forma:

Figura 1. Métodos de observação da Psicologia do Desenvolvimento.

<p>OBSERVAÇÕES LONGITUDINAIS</p>	<p>Efetuada por um longo período de tempo, empregando sempre os mesmos sujeitos. <i>Exemplo:</i> estudo do desenvolvimento da atenção. As mesmas crianças são submetidas a testes adequados, semestralmente, desde 3 até 8 – 10 anos. A observação dos resultados desses testes possibilitaria ao pesquisador conhecer o desenvolvimento da capacidade de atenção de crianças dentro dessa faixa etária.</p>
<p>OBSERVAÇÕES TRANSVERSAIS</p>	<p>Efetuada durante um tempo menor, empregando sujeitos de diferentes idades. <i>Exemplo:</i> estudar o desenvolvimento da atenção, sendo submetidas crianças de idades variadas de 4 a 10 anos a testes adequados a cada faixa etária. A observação dos resultados desses testes permitiria ao pesquisador conhecer o desenvolvimento da capacidade de atenção.</p>

Fonte: Piovesan et al., (2018, p.42).

Papalia, Olds e Feldman (2006) destacam que o desenvolvimento humano seja fonte de pesquisas e como tal, os estudiosos se dedicam a compreender como as pessoas passam por mudanças e como elas se estruturam desde o nascimento. Vale destacar que as transformações são mais perceptíveis na infância e adolescência, mas duram a vida toda dos sujeitos.

De acordo com Piovesan et al., (2018), as mudanças podem ser quantitativas e qualitativas. As quantitativas se referem às transformações relativas ao número ou quantidade, como ocorre, por exemplo, quando se trata do aumento de peso, altura ou mesmo na ampliação do vocabulário. Por outro lado, as mudanças qualitativas são aquelas que ocorrem na estrutura ou organização, assim como ocorre na passagem da linguagem não-verbal para a fala (PIOVESAN et al., 2018).

Pinheiro (2007) chama a atenção para a diferença entre crescimento e desenvolvimento. O crescimento é o processo pelo qual são observadas as alterações em relação ao tamanho, sendo estas decorrentes da maturação. Não obstante, o desenvolvimento pode ser caracterizado pelas mudanças em um nível mais complexo, pois dependem também da maturação, além do ambiente e da aprendizagem.

Dentre as concepções de desenvolvimento, encontram-se o inatismo, o ambientalismo e o interacionismo. O inatismo, parte da ideia de que as ocorrências a partir do nascimento não possuem relevância para o desenvolvimento, pois ele somente seria estimulado a partir das qualidades e capacidades consideradas básicas do ser humano. Essa concepção ainda se faz presente em muitos contextos educativos, sendo desvelada a partir dos discursos nos quais os alunos são considerados incapazes de aprender simplesmente por terem pais analfabetos (XAVIER e NUNES, 2015).

Já o ambientalismo, o ambiente é considerado como principal fator do desenvolvimento humano. Isso decorre da ideia de que o homem seja como uma folha que esteja em branco e seu preenchimento se dará a partir das condições apresentadas pelo meio. Faz parte dessa concepção a máxima de que o homem é produto do meio e sua trajetória depende do ambiente no qual tenha crescido (XAVIER e NUNES, 2015).

Por sua vez, no interacionismo, o desenvolvimento humano depende de uma série de eventos e nesse contexto, a pessoa é descrita como ser ativo e por meio da interação com o ambiente, se desenvolve ao mesmo tempo em que aprende. Como

consequência da interação, as características individuais são construídas. São adeptos da teoria interacionista Piaget, Vygotsky e Wallon (XAVIER e NUNES, 2015).

Utilizando um quadro descritivo, Papalia, Olds e Feldman (2006) destacaram algumas particularidades sobre o desenvolvimento, tendo em vista que ele é um processo contínuo, no qual a progressão ocorre de forma contínua, a partir de um ritmo próprio estabelecido pelo organismo. Isso pode ser observado na figura 2.

Figura 2. Noções sobre o desenvolvimento humano.

O desenvolvimento consiste em um processo contínuo e ordenado.	O ser humano se desenvolve a partir de uma sequência regular e contínua, ou seja, a etapa anterior do desenvolvimento influencia a etapa posterior e não é possível ocorrer saltos entre as fases.
O desenvolvimento ocorre pelas sequências cefalocaudal e próximo-distal (estudaremos os termos a seguir).	A sequência cefalocaudal afirma que o desenvolvimento progride da cabeça para as extremidades e a sequência próximo-distal indica que o desenvolvimento progride do centro do corpo para a periferia.
O desenvolvimento progride de respostas gerais para respostas específicas.	Quanto mais se desenvolve, mais o sujeito se torna capaz de responder de forma específica para cada demanda.
Cada parte do organismo possui um ritmo próprio de desenvolvimento.	Cada parte se desenvolve em determinado período, o qual possibilita o seu crescimento e a sua maturação.
O ritmo de desenvolvimento de cada indivíduo é constante.	Cada um tem seu próprio ritmo de desenvolvimento - uns se desenvolvem mais depressa e outros mais devagar, mas isso é completamente normal.
O desenvolvimento é complexo e os seus aspectos estão inter-relacionados.	O ser humano desenvolve-se como um todo. Não é possível separar os aspectos físico, intelectual, emocional e social, a não ser para fins de estudo. Os níveis fisiológico, psicológico e social estão em constante interação.

Fonte: PAPALIA; OLDS; FELDMAN (2006).

Sobre o processo de aprendizagem, compreende-se sua complexidade, pois depende de fatores internos, de origem biológica e psicológica, os quais agem a partir da interação, tanto interna, quanto externa. Nesse sentido, destaca-se que os hábitos, assim como a construção de valores socioculturais são o ponto de partida para a aprendizagem. Assim, de acordo com Piovesan et al., (2018), os vínculos construídos a partir do relacionamento com pessoas e objetos fazem com que novas

formas de conhecimento e aprendizagem sejam distinguidas, as quais se materializam a partir das experiências individuais e coletivas.

TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: FREUD, PIAGET E VYGOTSKI

O desenvolvimento humano foi algo que intrigou os pesquisadores há muito tempo, principalmente na história da Psicologia desde o seu surgimento, em 1816, sob a responsabilidade de Willhem Wundt. A partir de suas disposições teóricas a psicologia do desenvolvimento humano e da aprendizagem passou a ser foco de estudos que buscaram teorizar como esse aspecto se estrutura ao longo da vida dos sujeitos, dentre os estudiosos, são citadas as teorias de Freud, Piaget e Vygotsky (XAVIER e NUNES, 2015).

De acordo com Xavier e Nunes (2015) Freud buscou romper com o racionalismo de sua época, segundo o qual o homem era capaz de exercer total controle sobre si, bem como sobre o mundo. Assim, Freud passou a defender os conceitos que foram utilizados na construção dos esquemas capazes de estruturar o psiquismo humano, sendo eles o consciente, pré-consciente e inconsciente. Desse modo, segundo Xavier e Nunes (2015):

Ao postular que a maior parte da nossa atividade psíquica é de natureza inconsciente, Freud nos fez enxergar que não conhecemos nossos desejos, motivos, atitudes, sentimentos, pensamentos tão bem como acreditávamos. Assim, colocou em dúvida a tão festejada preponderância da razão no desenvolvimento humano. Com isto, Freud resgata para o campo do fenômeno psicológico a importância dos aspectos afetivos. (XAVIER e NUNES, 2015 p. 15).

Em sua teoria, Freud postulou que o desenvolvimento humano decorre da influência da libido, a qual se materializa sob diversas formas e de tal modo, pode ser localizada em determinados locais do corpo, nos quais a pessoa encontra uma maior satisfação conforme for se desenvolvendo. Para Freud (1911), a sexualidade infantil diverge da adulta e não pode ser condicionada aos aspectos biológicos e genitais. Assim, a teoria freudiana define que a ênfase da sexualidade infantil se encontra no sentido do prazer, vivenciada na descoberta do próprio corpo, além da ampliação das questões relativas ao desejo e à fantasia, as quais condicionam seu contexto histórico-familiar.

Freud (1911) considerou que o desenvolvimento ocorra em cinco fases, sendo a primeira a fase oral, na qual a libido da criança está concentrada na região bucal e por isso, o centro do prazer infantil se localiza na boca. Na fase anal a criança desenvolve o

controle dos esfíncteres, aprendendo a usar o banheiro de acordo com sua necessidade. Conforme explicado por Freud (1911), nesta fase a energia da libido é deslocada para a região anal e a criança, ao controlar suas funções excretoras, enquanto ato dirigido às outras pessoas. Na fase fálica, a qual ocorre dos 3 aos 5 anos, a criança passa a perceber que existem diferenças anatômicas e passa a experimentar o prazer da manipulação dos órgãos genitais. Na fase de latência observa-se que a libido se volta para atividades que não possuem um cunho sexual. Esta fase é denominada como de sublimação, pois há o interesse voltado para outras atividades, tais como as brincadeiras, prática de esportes, interesse pelas artes e pelo contexto escolar (FREUD, 1911). Por fim, na fase genital, a criança volta a direcionar sua energia sexual para os órgãos genitais e, assim, para a relação amorosa. Pela primeira vez, disse ele, a criança quis se reproduzir de acordo com seu instinto.

Jean Piaget foi outro estudioso a construir uma teoria sobre o desenvolvimento e a aprendizagem. Seu objetivo foi analisar de que forma o conhecimento é construído pelos sujeitos. No processo de desenvolvimento, o sujeito passa do estado de menor conhecimento para um maior e derivada de tais reflexões se encontra a epistemologia genética. Em continuidade, Piaget visou investigar e explicar de que forma o conhecimento vai sendo concretizado ao longo da vida dos seres humanos. A partir dos níveis de pequena complexidade, característicos dos bebês, as pessoas vão passando para os mais complexos, também constituídos a partir da capacidade de construção do pensamento abstrato (PIAGET, 1980).

O objetivo das investigações realizadas por Piaget (1980) esteve em compreender a relação entre o sujeito e os objetos do conhecimento, como ocorre entre o bebê que esteja descobrindo o mundo, bem como as pessoas e os objetos com os quais interage. O campo de conhecimentos da Psicologia foi utilizado por Piaget em seu método clínico, o qual se caracterizou a partir das situações problema destinadas às pessoas pesquisadas. Assim, o pensamento dos sujeitos foi estudado, além da moralidade, partindo da observação sobre como crianças e adolescentes em diferentes idades conseguiram solucionar os testes aplicados (PIAGET, 1980).

Em relação à teoria piagetiana, Xavier e Nunes (2015) ressaltaram que:

Assim, quando necessitamos conhecer algo, seja uma informação, uma ideia, uma troca afetiva, uma forma de executar uma tarefa, uma solução de um problema matemático ou pessoal etc, manifestamos um desequilíbrio no nosso organismo. Então, mobilizamos em nossa mente mecanismos que vão nos

permitir restabelecer o equilíbrio, ou seja, agir para atender aquela necessidade, para buscar conhecer o que queremos. Nesse processo de permanente reajustamento, o sujeito aciona os mecanismos de: assimilação e acomodação. (XAVIER e NUNES, 2015, p. 21).

No processo de assimilação, segundo Piaget (1980), os indivíduos passam a ter contato com a realidade externa e insere nas estruturas mentais que já foram instaladas as informações sobre o conhecimento que desejam agregar. Por sua vez, a acomodação é um mecanismo usado pela criança para transformar suas estruturas de pensamento, além de buscar informações que já possui. A partir daí os sujeitos constroem novos esquemas, capazes de instalar novas conexões mais complexas. Não obstante, de acordo com Xavier e Nunes (2015):

Ao equilíbrio destas assimilações e acomodações Piaget denominou adaptação, pois o desenvolvimento mental se dará no sentido de promover uma adaptação mais precisa à realidade. Nessa dinâmica da equilibração, é preciso lembrar que existem não só as funções constantes, mas também as estruturas variáveis que são as formas de organização de atividade mental, tanto no que se refere ao aspecto motor ou intelectual de um lado, quanto ao aspecto afetivo em suas dimensões social e individual. (XAVIER e NUNES, 2015, p. 24).

Piaget (1980) descreveu o desenvolvimento a partir de períodos. O primeiro corresponde ao sensório-motor, nesse estágio, o desenvolvimento cognitivo se constitui, aproximadamente, do zero aos dois anos. Destaca-se que esse estágio é determinado por um grande desenvolvimento mental, o qual é descrito como essencial para que os sujeitos possam evoluir no aspecto psíquico. Isso decorre da percepção, bem como dos movimentos, e a criança passa a conquistar o universo prático em que se encontra inserida. Ressalta-se que no começo desse período, as construções mentais se encontram direcionadas ao exercício dos aparelhos herdados, tais como a sucção. Com o passar do tempo, os reflexos são melhorados e as atividades puramente hereditárias passam a ser mais generalizadas (PIAGET, 1980).

Período pré-operatório, que ocorre aproximadamente aos dois anos, a criança já conseguiu evoluir para um estado no qual a atividade e participação são ampliadas. Nesse período, a aquisição da linguagem ocasiona diversas mudanças significativas, tanto no contexto afetivo, como no pensamento.

Com a fala, a criança torna-se capaz de exteriorizar a vida interior, na medida em que já conta coisas que aconteceram, bem como é capaz de falar sobre eventos futuros. Embora se iniciem as trocas entre as crianças, elas estão mais centradas em seus pontos de vista. Predomina, então, uma linguagem egocêntrica. Nesse

período, tem início o jogo simbólico, de imaginação e imitação muito comuns nas brincadeiras infantis de faz de conta. Outra forma de expressão é o pensamento intuitivo. (XAVIER e NUNES, 2015, p. 25).

Período operatório concreto, o qual é observado dos 7 aos 11 ou 12 anos, a criança inicia a construção lógica, ou seja, passa a ter capacidade para o estabelecimento das relações que possam viabilizar a coordenação de diversos pontos de vista. No que se refere à afetividade, os sujeitos aprendem a cooperar e trabalhar em conjunto e no aspecto cognitivo, consegue compreender que as operações podem ser revertidas (PIAGET, 1980).

Por fim, no período operatório formal, o qual ocorre bem no início da adolescência, há a passagem para o pensamento formal. Isso faz com que os indivíduos exercitem a reflexão, além da capacidade de abstrair, bem como gerar hipóteses. “As operações lógicas começam a ser transpostas do plano da manipulação concreta para o das ideias, que são expressas também pela linguagem. Contudo, para expressar suas ideias o adolescente não precisará necessariamente da experiência, das percepções ou das crenças” (XAVIER e NUNES, 2015, p. 28).

Outra teoria do desenvolvimento também visa explicar como esse processo ocorre, sendo desenvolvida por Vygotsky e denominada Psicologia histórico-cultural. Segundo Vygotsky (1986), as funções psíquicas se instituem a partir da relação dialética estabelecida pelo sujeito, considerando a cultura e a sociedade. Desse modo, entende-se que a relação decorra a partir da mediação dos meios e signos que são construídos a partir do viés cultural.

De acordo com Vygotsky (1986), a palavra se refere ao universo de cada sujeito, considerando suas relações interpessoais.

Ademais, para que a fala de outra pessoa seja compreendida, o sentido e seu significado devem ser também avaliados. O pesquisador acredita que o ser humano é constituído por sua natureza histórica e social e de tal modo, o seu desenvolvimento ocorre na instituição de quatro planos genéticos, sendo esses a filogênese, ontogênese, sociogênese e microgênese.

FATORES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E DA APRENDIZAGEM

O desenvolvimento humano é concebido a partir de uma lógica que o compreende a partir de sua dimensão, não apenas integradora, mas principalmente,

transformadora. A literatura reforça que os fatores a serem considerados dizem respeito ao “[...] crescimento orgânico e maturação do sistema nervoso e endócrino; exercício e experiência; interação e transmissões sociais; mecanismos reguladores.” (XAVIER e NUNES, 2015, p. 37).

Sob a perspectiva piagetiana, compreende-se que o processo de maturação é essencial para que o ser humano possa vivenciar novas experiências, embora não seja suficiente para dimensionar sua conduta e seu comportamento. Nesse sentido, destaca-se que o conceito de maturação deve ser utilizado para fixar os estágios de desenvolvimento da inteligência (PIAGET, 1980).

Para Vygotsky a maturação é algo significativo ao desenvolvimento a partir da perspectiva de que no cérebro se encontra a base para o desenvolvimento mental dos sujeitos. Compreendendo que o cérebro seja relevante para a ocorrência das atividades psíquicas, Vygotsky (1986) ressalta que na interação novas funções cerebrais passam a ser estabelecidas. O exercício e a experiência são descritos como um fator revestido de grande complexidade relacionado ao desenvolvimento humano. Destaca-se que a experiência física tem como característica principal a forma como o sujeito age no mundo concreto.

Segundo Vygotsky, o desenvolvimento é fortemente influenciado pela experiência, se inserido no cotidiano dos indivíduos e do mesmo modo, sendo mediada pelo contexto simbólicos estabelecidos com a linguagem. Por sua vez, Wallon (1999), ressalta que a experiência deve ser avaliada como sendo um dos meios de desenvolvimento das habilidades intelectuais mais complexas.

A literatura também reforça que as interações e transmissões sociais são essenciais para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois o meio afeta seu comportamento sobre todos os aspectos. Não obstante, tanto a construção do pensamento, quanto da capacidade de julgamento moral dependem do meio, bem como da forma como a interação é estabelecida (CARRARA, 2004).

Xavier e Nunes (2015), ao discorrerem sobre a capacidade do indivíduo em julgar o que é certo ou errado reforçaram que:

[...] a capacidade do indivíduo de julgar o que é certo ou errado, adequado ou inadequado, ético ou antiético, honesto ou desonesto, verdade ou mentira etc, está relacionada diretamente aos estágios do desenvolvimento do pensamento. É o que ele denominou de isomorfismo entre operação e cooperação, ou seja, a forma como aprendemos a somar números é a mesma como aprendemos o que é ser solidário, por exemplo. (XAVIER e NUNES, 2015, p. 39).

De acordo com Vygotsky (1989), os fatores sociais relacionados ao desenvolvimento humano são destacados, principalmente ao se considerar os processos sócio-históricos como parte dele. Compreende-se que a internalização das atividades são características da espécie humana e por isso, culminam na formação dos denominados: processos psicológicos superiores. Ademais, pelos processos de internalização da cultura, observa-se que os sistemas simbólicos passam a ser representados, tendo a linguagem como ponto de partida o uso dos signos para referenciar o comportamento humano.

Na mesma linha de pensamento Wallon (1999) ressalta que, tanto a cultura, quanto a linguagem deve ser estabelecida de modo a fornecer ao pensamento a devida instrumentalização de seu enriquecimento. Ademais, o desenvolvimento depende também das situações constituídas no meio, levando em conta também o nível de apropriação do sujeito.

Os mecanismos reguladores são definidos como meios que permitem que mente coordene e seja capaz de conciliar as contribuições originadas na maturação, bem como da experiência e da interação social. Nesse sentido, destaca-se que, para que seja capaz de elaborar uma resposta às perturbações do meio, o organismo passa a desenvolver algumas compensações ativas, utilizando para isso o processo de assimilação, acomodação e adaptação (PIOVESAN et al., 2018).

Os processos psicológicos mais complexos são formados a partir das intervenções dos adultos e o desenvolvimento dos aspectos psíquicos são mediados pela vivência em sociedade, com o outro e a realidade partilhada. Assim, ressalta-se que as atividades que eram de cunho interpessoal, pela mediação passam a ser parte de um processo cuja característica maior é ser voluntária e independente (XAVIER e NUNES, 2015).

FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA

Bock, Furtado e Teixeira (2008), ressaltaram que o desenvolvimento mental é uma construção materializada de forma contínua, iniciando-se a partir do surgimento das estruturas mentais. Esse processo, por sua vez, ocorre de forma gradativa, sendo responsáveis pela organização das atividades mentais, além de se aperfeiçoarem e solidificarem até que o desenvolvimento esteja completo. Isso faz

com que haja equilíbrio entre as funções e os sujeitos desenvolvem a inteligência, afetividade e socialização (PIOVESAN, et al., 2018).

Ressalta-se que os estudos sobre o desenvolvimento humano e suas etapas se relaciona às características mais comuns às diferentes faixas etárias, sendo descritas desde o período fetal. Não obstante, a partir da compreensão de tais particularidades, torna-se possível também avaliar os problemas que se originam no desenvolvimento. Conforme descrevem Papalia, Olds e Feldman (2013) o desenvolvimento humano pode ser influenciado desde a concepção, nesse aspecto, o denominado “ciclo vital” tem seu começo, passa por determinadas fases até o final da vida.

Importante ressaltar que quando se trata do desenvolvimento humano, não é possível estabelecer um padrão fixo que seja universal e que ocorra da mesma forma em todas as culturas. Assim, observa-se que não há uma rigidez quanto às fases da vida desde o nascimento, tratando-se de uma média determinada pela maioria dos indivíduos (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Bock, Furtado e Teixeira (2008) reforçam que no estudo do desenvolvimento humano, alguns fatores precisam ser levados em consideração, dentre esses a hereditariedade, da qual advém a carga genética dos sujeitos; o crescimento orgânico, sendo esse determinado pelo processo de ampliação do tamanho corporal; a maturação neurofisiológica, compreendida como o fator determinante dos padrões comportamentais; o meio, descrito enquanto rol de influências e estimulações ocorridas no ambiente, capazes de transformar determinados padrões relativos ao comportamento humano.

Para compreender como o desenvolvimento humano ocorre, é necessário analisar o sujeito de forma global, levando-se em conta os aspectos físicos-motores, afetivos-emocionais, intelectuais e sociais. Os aspectos físicos-motores se referem ao crescimento orgânico, além da maturidade neurofisiológica, habilidade de manipular objetos, assim como no exercício do próprio corpo. Por sua vez, os aspectos afetivos-emocionais compreendem a forma como cada sujeito constrói suas experiências, tendo relação com as emoções. Já os aspectos intelectuais referem-se ao pensamento, bem como ao raciocínio. Por fim, os aspectos sociais são aqueles nos quais os indivíduos demonstram reações mediante as interações com outras pessoas (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 31), “[...] cada período da vida é influenciado pelo que ocorreu antes e irá afetar o que virá depois.” Nesse sentido, o desenvolvimento humano é descrito enquanto fenômeno contínuo, podendo ser subdividido em duas fases, a infância e a adolescência.

Infância

Gonçalves (2016) discorre que a infância se caracteriza de forma diferente de acordo com a faixa etária e por isso, se encontra subdividida em 1ª, 2ª e 3ª infância. Suas especificidades são descritas de acordo com cada período. O conceito de primeira infância se refere ao período decorrido do nascimento aos três primeiros anos de idade. Tanto o crescimento físico, quanto o desenvolvimento motor acontecem de acordo com dois aspectos: o cefalocaudal, em que o processo ocorre da cabeça e chega às partes inferiores e o próximo-distal, no qual o desenvolvimento acontece do centro do corpo até as partes externas (PIOVESAN, et al., 2018).

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2013), observa-se na primeira infância um crescimento muito acelerado e a criança desenvolve a capacidade de andar e falar. “O corpo de uma criança cresce muito mais durante o primeiro ano de vida; o crescimento prossegue em um ritmo acelerado, mas decrescente, ao longo dos três primeiros anos.” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013, p. 147).

Em relação à autonomia de se locomover, o desenvolvimento da capacidade de engatinhar e depois, caminhar sozinho é muito significativo para a criança e conforme Papalia, Olds e Feldman (2013, p.148) “[...] a auto locomoção gera mudanças em todos os domínios do desenvolvimento.”

A comunicação, por sua vez, é iniciada a partir de gestos, sendo que “[...] a fala pré-linguística inclui choro, arrulho, balbucio e imitação dos sons da língua. Aos seis meses, o bebê aprendeu os sons básicos de sua língua e começou a vincular som e significado. [...] a primeira palavra costuma surgir entre os 10 e 14 meses, dando início à fala linguística. Um surto de nomeação ocorre entre 16 e 24 meses de idade.” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013, p. 148).

Relembrando os estudos de Piaget (1987), na primeira infância é que a criança desenvolve diversas habilidades, principalmente as relacionadas à capacidade de diferenciar pessoas de objetos e ter uma dimensão de si mesma,

construindo noções sobre sua individualidade. O senso de si, de acordo com Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 230):

[...] surge entre quatro e dez meses, à medida que o bebê começa a perceber uma diferença entre ele próprio e os outros e a experimentar um senso de atuação e auto coerência [...] a partir dessa sensação perceptual de si e se desenvolve entre 15 e 18 meses, com o surgimento da autoconsciência e do autorreconhecimento.

Na segunda infância, período que corresponde à faixa etária dos 3 aos 6 anos, o desenvolvimento físico não é mais tão acelerado, mas ocorre de forma permanente, com o aperfeiçoamento das habilidades motoras.

As crianças progredem rapidamente quanto à aquisição das habilidades motoras grossas e finas, desenvolvendo sistemas de ação mais complexo [...] as fases de produção artística, que parecem refletir o desenvolvimento cerebral e a coordenação motora fina, são a fase de rabiscar, a fase de traçar formas, a fase de desenho e a fase pictográfica. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013, p.273).

Piaget (1987) descreve a segunda infância como sendo a fase do egocentrismo, quando a criança manifesta grande dificuldade e entender a perspectiva dos fatos a partir da ótica de outras pessoas. Além disso, a criança passa a exercitar o uso da imaginação, buscando nas brincadeiras, principalmente as de faz-de-conta, uma forma de apropriação dos conhecimentos relativos ao seu convívio social. Nesse aspecto, conforme ressaltado por Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 310):

O brincar traz benefícios físicos, cognitivos e psicossociais. As mudanças nos tipos de brincadeira em que a criança se envolve refletem os desenvolvimentos cognitivo e social [...] a criança progride cognitivamente dos jogos funcionais aos jogos construtivos, jogos de faz-de-conta e, depois, jogos formais com regras. Os jogos de faz-de-conta tornam-se cada vez mais comuns durante a segunda infância e ajudam a criança a desenvolver habilidades sociais e cognitivas.

Na segunda infância a criança faz descobertas sobre sua sexualidade, bem como da identidade de gênero. A criança passa a observar que pode ser divertido e prazeroso tocar nos próprios genitais, sendo essa uma forma de descoberta do próprio corpo. Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 310) reforçam que “A identidade de gênero é um aspecto do autoconceito em desenvolvimento.” Os autores descrevem que as habilidades adquiridas na segunda infância são significativas, pois permitem

que a criança interaja socialmente, exercite a imaginação, brinque, construa percepções sobre a sexualidade, bem como as relações de gênero.

A terceira infância é caracterizada como a última fase da infância e de acordo com Papalia, Olds e Feldman (2013, p. 351), “o desenvolvimento físico é mais lento na terceira infância do que nos anos anteriores. Ocorrem grandes diferenças na altura e no peso.”

Uma criança entre 7 e 12 anos a criança está na fase das operações concretas. As crianças são menos egocêntricas do que antes e mais competentes para tarefas que requerem raciocínio lógico, como relações espaciais, causalidade, categorização, raciocínios indutivo e dedutivo e conservação. Contudo, o raciocínio é amplamente limitado ao aqui e agora (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013, p. 351).

Na terceira infância a criança constrói suas relações interpessoais dividindo a proximidade e a convivência. As amizades passam a ter uma grande importância, pois é nos grupos de amigos que as crianças poderão desenvolver suas habilidades sociais. Além disso, podem desenvolver a autoimagem e o autoconceito, ao passo que também há a busca pela conformidade, gerando o preconceito. Nessa fase a criança busca adotar o mesmo padrão de comportamento das pessoas com as quais convive, sendo a família e o círculo de amigos o grupo com maior influência comportamental (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Adolescência

Sobre a adolescência, observa-se que seja a fase na qual há a transição da infância para a vida adulta. Nesse sentido, “[...] vai dos 10 ou 11 anos, até os 18 ou 19 anos, chegando mesmo até os 20-21 anos.” De acordo com Bee (2017, p.16) “[...] a adolescência é definida não apenas como um período de mudanças da puberdade, mas como um período de transição entre a infância e a adoção completa de um papel adulto.”

O discurso de Ferreira (2003) reforça que a adolescência pode ser dividida em três fases, sendo a primeira pré-adolescência ou adolescência menor, a segunda adolescência média e por último a terceira, adolescência maior ou juventude.

A pré-adolescência se inicia, em média, no período que vai dos 11 aos 13 anos, nas meninas e 12 aos 14 anos nos meninos. No entanto, o que marca essa fase não é a idade e sim as modificações físicas que irão determinar a saída da

infância e inserção na adolescência. Ademais, conforme mencionado por Ferreira (2003, p. 16):

O pré-adolescente cresce rápido e desproporcionalmente. As mudanças anatômicas e fisiológicas resultam numa grande preocupação com o próprio corpo. A altura, o tamanho dos músculos, a largura dos ombros, a mudanças de voz e as espinhas são preocupações masculinas. Ao passo que o desenvolvimento dos seios, o alargamento dos quadris e o medo de ficar baixa ou alta demais são os temas que movimentam o pensamento feminino (FERREIRA, 2003, p. 16).

Papalia, Olds e Feldman (2013) reforçam também que:

A puberdade é desencadeada por mudanças hormonais. Dura cerca de 4 anos, começa mais cedo nas meninas e termina quando o indivíduo é capaz de reproduzir, mas o tempo de ocorrência desses eventos varia consideravelmente [...] tanto os meninos quanto as meninas passam por um surto de crescimento adolescente. Os órgãos reprodutores aumentam de tamanho e amadurecem, aparecendo as características sexuais secundárias. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013, p. 432).

A adolescência média vai dos 13 aos 15 anos nas meninas e 14 aos 16 nos meninos. O que mais marca essa fase é a relação interpessoal, principalmente a que se estabelece no grupo de amigos. Conforme Papalia, Olds e Feldman (2013, p.467) “A estrutura do grupo de amigos torna-se mais elaborada, envolvendo panelinhas, turmas, bem como amizades.” Nessa fase, os companheiros passam a ser vistos como as pessoas mais importantes no ciclo social, representando a separação da infância e inserção na vida adulta. A convivência com os grupos compostos pelos amigos influencia significativamente o comportamento, sendo normal os adolescentes usarem as mesmas vestimentas, bem como as linguagens (BEE, 2017).

Devido à aproximação maior com os grupos, torna-se comum os conflitos familiares, pois os pais representam uma autoridade que precisa ser contrariada, mas ao mesmo tempo, os adolescentes necessitam de autoridade familiar para que consigam se estruturar emocionalmente. Por sua vez, a adolescência maior ou mocidade vai dos 15 aos 18 anos nas meninas e 16 aos 19 nos meninos. Além da busca pela identidade, os adolescentes passam por intensa pressão social, o que exigem do jovem um posicionamento sobre o futuro, bem como o destino profissional. Não obstante, conforme descrito por Papalia, Olds e Feldman (2013), a busca pela construção de sua identidade faz com que o jovem se torne preocupado em estabelecer sua subjetividade. E nesse contexto que os problemas relacionados

à subjetividade podem ocorrer. Por isso os índices de depressão e delinquência são bem significativos na adolescência maior.

METODOLOGIA

O presente estudo trata de uma Revisão Sistemática de literatura. A revisão bibliográfica tem como propósitos: a construção de uma contextualização para o tema abordado e a análise daquilo que está presente na literatura consultada. Sendo assim, a revisão de literatura é um método de pesquisa que utiliza como fonte os dados da literatura sobre determinada temática, mostrando um resumo dos artigos e dados disponíveis na literatura, com objetivo de sintetizar a informação (SANTOS e TEIXEIRA, 2019). Desse modo, a pesquisa é relevante, pois integra informações de diferentes estudos já realizados ao longo do tempo sobre determinado tema, o que ajuda na orientação para o desenvolvimento de novas abordagens (SAMPAIO e MANCINI, 2007).

Para a realização desta revisão sistemática, as seguintes bases de dados serão consultadas: SciELO e Google Acadêmico.

A pesquisa nestas bases de dados será feita a partir das palavras-chaves: desenvolvimento infantil, psicologia escolar, Psicologia do desenvolvimento, adolescente. Serão utilizados como critério para a seleção dos artigos: artigos e livros publicados entre 2015 e 2021. E posteriormente, os dados serão analisados de modo descritiva.

Segundo Mota (2005), numa perspectiva história da psicologia do desenvolvimento no Brasil, a produção nacional ainda é bem pequena. Embora haja um interesse cada vez maior no desenvolvimento infantil e da adolescência, ainda se faz necessário que novos estudos sejam delineados para que a produção de conhecimento em desenvolvimento infantil no Brasil reflita em impactos efetivos na sociedade. Na perspectiva do desenvolvimento humano, faz-se necessário analisar como o ambiente da criança, por exemplo a convivência familiar e escolar, além do fator cultural irão influenciar no desenvolvimento desse indivíduo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente revisão da literatura, foi possível observar o que a grande maioria dos estudos realizados nos últimos anos sobre o desenvolvimento infantil e do adolescente. E servir como base para o preenchimento de possíveis lacunas no conhecimento sobre o funcionamento da criança e do desenvolvimento infantil.

Frente às alterações comportamentais e culturais vivenciadas nos últimos anos, é esperado que estas mudanças tenham influenciado ou afetado de diferentes maneiras o comportamento e o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Além disso, será importante para os profissionais de psicologia entenderem como são abordadas nos estudos científicos as principais teorias do desenvolvimento humano, como as de Freud, Piaget e Vygotski. E assim, seja possível relacionar os fatores do desenvolvimento humano e da aprendizagem.

Tem-se como expectativa que esta pesquisa contribuirá para a construção de conhecimento científico direcionado para a importância da atenção à psicologia infantil e, por meio das principais técnicas descritas nos artigos espera-se que os profissionais possibilitem um melhor entendimento e cuidados as crianças.

REFERÊNCIAS

- BEE, Helen. **O ciclo vital**. Tradução Regina Garcez. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- BOCK, A. B.; FURTADO, O. TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias** – uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CARRARA, K. **Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- FERREIRA, Berta Weil. Adolescência: caracterização e etapas do desenvolvimento. In.: FERREIRA, Berta Weil; RIES, Bruno Edgar (Orgs.). **Psicologia e educação: desenvolvimento humano adolescência e vida adulta**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: **O caso de Schreber e artigos sobre técnica**. Rio de Janeiro: Imago, 1911.
- FREUD, S. O Ego e o Id. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago. 1923.
- GERRIG, R. J.; ZIMBARDO, P. G. **A psicologia e a vida**. 16ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GONÇALVES, M. A.; PORTUGAL, F. T. Análise Histórica da Psicologia Social Comunitária no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 3, pp. 562-57. 2016.

LIMA, A. P. O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) [online]**, v. 37, n. 6, pp. 280-287. 2009.

MOTA, M. E. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas psicologia**. Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 105-111, dez. 2005.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. – Porto Alegre: Artmed, 2013.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Ed., 1987.

PINHEIRO, M. S. **Aspectos Bio-Psico-Sociais da Criança e do Adolescente**. Centro de Defesa da Criança e do Adolescente – CEDECA-BA. 2007.

PIOVESAN, J. et al. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. Santa Maria: Editora UFSM, 2018.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica**. V. 11, n. 1. São Carlos-SP: Revista Brasileira de Fisioterapia, p. 83-89, 2007.

SANTOS, A. M. M; TEIXEIRA, B. S. **A Atuação do Psicólogo Escolar Sobre o Desenvolvimento Infantil a partir do Lúdico: uma revisão integrativa**. TCC - Graduação em Psicologia, Faculdade Pernambucana de Saúde. Pernambuco, 30 f. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XAVIER, A.S.; NUNES, A.I.B.L. **Psicologia do desenvolvimento**. Ceará: Editora UECE, 2015.